

“O PODER TRANSFORMADOR DA ORAÇÃO”

Roma, 19 de fevereiro de 2020.

Queridos irmãos e irmãs em São Vicente,

A graça e a paz de Jesus estejam sempre conosco!

Neste tempo da Quaresma, continuemos a refletir sobre os fundamentos da espiritualidade de São Vicente de Paulo. O que fez de São Vicente um místico da Caridade foi o fato da oração ter sido o centro de sua vida. Como eu compreendo a oração? O que a oração significa para mim?

Dependendo da resposta, por um lado, a oração pode se tornar um fardo a ser realizado dia a dia. Pode tratar-se de um conjunto de textos, de fórmulas, de posições corporais e de regras que eu tenho que seguir. Neste caso, a oração torna-se finalmente inútil, algo que não me fala pessoalmente, nem à realidade da minha vida. No entanto, São Vicente nos disse: “que não haveria muito do que esperar de um homem que não gostasse de falar com Deus; e que, se ele não é devidamente dedicado às atividades para o serviço de Nosso Senhor, é por não estar intimamente unido a Ele, e por não Lhe pedir a ajuda de Sua graça com uma perfeita confiança” [1].

Por outro lado, se a oração se torna indispensável à minha vida, algo que é inseparável da minha pessoa, do que eu penso, digo e faço, ela se torna um poder transformador. A oração é um estado de espírito, uma relação contínua com Jesus que dá sentido a minha existência. Nela encontro a orientação para a minha vida, minha vocação, minha missão e as respostas aos questionamentos que surgem na minha vida. Dado que a oração tem sua fonte em Deus, seu poder transformador em mim torna continuamente “novas, todas as coisas”. A comunicação transformadora é a natureza de Deus.

“Deus, quando quer comunicar-se, o faz sem esforço, de uma maneira sensível, totalmente suave, doce, amorosa; peçamos-lhe, pois, frequentemente, o dom da oração, com grande confiança. Deus, de sua parte, não exige mais. Façamos-lhe nossas preces, mas com grande confiança, e fiquemos certos de que por fim nos atenderá, por sua grande misericórdia...”[2].

A oração é o lugar onde eu encontro Jesus, onde falo com Jesus, onde escuto Jesus e compartilho com Jesus. É onde eu faço perguntas a Jesus, onde com grande confiança, eu me coloco nas Suas mãos. Quando eu integro tudo o que penso, digo e faço numa relação pessoal com Jesus, todos os meus pensamentos, palavras e ações se tornam oração. Eu estou diante de alguém. Eu estou com alguém. Falo, escuto e compartilho com alguém que é o “Amor” da minha vida e ao qual anseio ardentemente me parecer. Um relacionamento como este requer humildade para abrir-me a Ele e dar-Lhe o direito de guiar a minha vida.

“Porquanto, crede-me, meus senhores e meus irmãos, crede-me, é uma máxima infalível de Jesus Cristo, que frequentemente vos anunciei de sua parte, a saber: tão logo um coração se esvazie de si próprio, Deus o encherá; Deus nele habitará e agirá em seu íntimo; é o desejo da confusão que nos tornará vazios de nós mesmo, é a humildade, a santa humildade; então não seremos nós a agir mas, sim, Deus em nós, e tudo irá bem” [3].

Quer de dia ou de noite, esteja eu acordado ou dormindo, fico em permanente contato com Jesus, em constante oração. Esse é o sentido da exortação de São Paulo aos Tessalonicenses: “orai sem cessar”[4], ou, o conselho de São Vicente às Filhas da Caridade: “... fazei-a se puderdes a toda hora, ou não saiais nunca dela, pois a oração é tão excelente que nunca se faz demais”[5].

Tudo se torna oração e tudo se torna Amor quando minha principal preocupação é este relacionamento com Deus.

“Havendo Cristo dito: Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça: e todas estas coisas vos serão acrescentadas, cada um procurará preferir as coisas espirituais às temporais, a salvação da alma à saúde do corpo, a glória de Deus à vaidade do mundo..”[6].

De fato, a oração transforma minha hierarquia de valores e minha relação com as pessoas, os objetos, os lugares e com o tempo. Minhas prioridades tornam-se diferentes das do mundo, embora eu viva nele. A carta dita a Diogneto propõe uma descrição dos primeiros cristãos que também se deve aplicar a mim:

“Os cristãos não se diferenciam dos outros homens nem pela pátria nem pela língua nem por um gênero de vida especial. De fato, não moram em cidades próprias, nem usam linguagem peculiar, e a sua vida nada tem de extraordinário. A sua doutrina não procede da imaginação fantasista de espíritos exaltados, nem se apoia em qualquer teoria simplesmente humana, como tantas outras.

Moram em cidades gregas ou bárbaras, conforme as circunstâncias de cada um; seguem os costumes da terra, quer no modo de vestir, quer nos alimentos que tomam, quer em outros usos; mas o seu modo de viver é admirável e passa aos olhos de todos por um prodígio. Habitam em suas pátrias, mas como de passagem; têm tudo em comum como os outros cidadãos, mas tudo suportam como se não tivessem pátria. Todo país estrangeiro é sua pátria e toda pátria é para eles terra estrangeira. Casam-se como toda gente e criam seus filhos, mas não rejeitam os recém-nascidos. Têm em comum a mesa, não o leito. São de carne, porém, não vivem segundo a carne. Moram na terra, mas sua cidade é no céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas com seu gênero de vida superam as leis.

Amam a todos e por todos são perseguidos. Condenam-nos sem os conhecerem; entregues à morte, dão a vida. São pobres, mas enriquecem a muitos; tudo lhes falta e vivem na abundância. São desprezados, mas no meio dos opróbrios enchem-se de glória; são caluniados, mas transparece o testemunho de sua justiça. Amaldiçoam-nos e eles abençoam. Sofrem afrontas e pagam com honras. Praticam o bem e são castigados como malfeitores; ao serem punidos, alegram-se como se lhes dessem a vida”[7].

Os cristãos descritos acima jamais poderiam ter sobrevivido, permanecido fiéis, superado os incríveis sofrimentos e perseguições, sido testemunhas em todos os momentos até a morte, se a vida de oração não tivesse sido uma relação profunda com o Amor de suas vidas. Jesus era tudo para eles, logo, orientava todas as escolhas que faziam. Isto implica conhecê-Lo e “assimilar o seu espírito” de acordo com os conselhos que São Vicente deu aos seus coirmãos:

“...em todas as ocasiões, nos perguntemos a nós mesmos: ‘Como julgou Nosso Senhor tal coisa ou tal coisa? Como agiu em tal ou tal circunstância? Que disse ou que fez em tais e tais assuntos?’, e ajustemos toda a nossa conduta às suas máximas e exemplos. Tomemos, pois, essa decisão, meus Senhores, andemos sempre com confiança nesse caminho real em que Jesus Cristo será nosso guia e condutor. Lembremo-nos de que ele disse que ‘o céu e a terra passarão, mas suas palavras e verdades jamais passarão’ (cf. Mateus 24,35). Bendigamos a Nosso Senhor, meus irmãos, e esforcemo-nos por pensar e julgar como ele, e fazer o que recomendou por suas palavras e exemplos. Assimilemos o seu espírito para aprofundar o sentido de suas ações, porque não basta fazer o bem, mas é preciso ainda fazê-lo bem, à imitação de Nosso Senhor do qual se disse: Fez bem todas as coisas (cf. Marcos 7, 37). Não, não basta jejuar, observar as

regras, ocupar-se nas funções da missão; é preciso ainda fazer isso no espírito de Jesus Cristo, isto é, com perfeição, em função dos confins e de acordo com as circunstâncias em que ele as fez...”[8].

Um exemplo de Jesus que eu deveria adotar é a sua oração. Jesus rezava com frequência, retirando-se para um lugar de solidão onde pudesse ficar sozinho com Deus-Pai. Ao longo da história e ainda hoje, muitos santos e outros cristãos dedicaram e dedicam tempo em seus empreendimentos e serviços cotidianos para ir ao “deserto” para ficarem sozinhos com Jesus.

Além da oração comunitária ou individual, que já pratico no cotidiano, semanal, mensal ou anualmente, posso encontrar outros meios para ir ao “deserto”, para aprofundar minha relação íntima com Jesus? O deserto pode ser um lugar para onde vou fisicamente ou em estado de espírito sem que seja necessariamente um lugar concreto. Onde posso encontrar este deserto? Quantas vezes posso ir até ele? Quanto tempo posso permanecer nele?

Possa a nossa oração se tornar um presente que oferecemos uns aos outros. Sejamos testemunhas do “poder transformador da oração”.

Seu irmão em São Vicente,

Tomaž Mavrič, CM,

Presidente do Comitê Executivo da Família Vicentina.

Notas:

[1] Louis Abelly, « La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul », (A vida do venerável servo de Deus, Vicente de Paulo), livro III, capítulo 6, página 50

[2] SV, vol. XI, pág. 227, conf. 129 – Partilha de oração de 4 de agosto de 1655 – Excessos a evitar no amor de Deus.

[3] SV, vol. XI, pág. 319, conf. 141, “sobre os padres” [setembro de 1655].

[4] 1 Tessalonicenses 5,17

[5] SV, conf. 37 – de 31 de maio de 1648, “sobre a oração”, pág.272.

[6] Regras Comuns da Congregação da Missão, capítulo II, 2 (de 17 de maio de 1658).

[7] Ofício das leituras, quarta-feira da V semana da Páscoa, capítulo 5, “Aos cristãos no mundo”.

[8] SV, vol. XI, pág. 54; conf. 35, “sobre a prudência”